

A (des)informação como estratégia política na gestão da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma análise discursiva

Disinformation as a political strategy in the management of the COVID-19 pandemic in Brazil: a discursive analysis

Orlando Silva de Oliveira ¹

Kélvya Freitas Abreu ²

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar o embate das vozes sociais presentes em discursos proferidos pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, sobre a COVID-19, e compreender quais interesses estavam em disputa nos seus enunciados. O *corpus* da pesquisa é constituído por quatro enunciados sobre a pandemia, proferidos pelo mandatário do Poder Executivo brasileiro, no período de 06 a 24 de março de 2020. O trabalho se configura como uma pesquisa de natureza interpretativa e de abordagem qualitativa. Assim, fundamentado pela teoria decorrente do Círculo de Bakhtin, recorre, metodologicamente, ao cotejo de textos (em sentido amplo), conforme pensado por Bakhtin e defendido por Geraldi (2012), para a realização da análise dialógica dos discursos que compõem o *corpus*, relacionando-o a conteúdos jornalísticos publicados à época que refletem e refratam a percepção das consequências práticas dos enunciados presidenciais sobre a pandemia da COVID-19. Como resultado das análises, identificou-se que o presidente do Brasil adotou a desinformação como estratégia para produzir seu discurso político, marcando seu posicionamento ideológico frente à pandemia, com o propósito de impedir que os impactos da referida crise sanitária fossem percebidos pela população e abalassem sua imagem, de modo a prejudicar a sua manutenção no comando do país. Sendo assim, a pesquisa contribui para uma melhor compreensão de quais interesses foram postos em jogo em meio ao enfrentamento do caos sanitário causado pela COVID-19 no território nacional, além de permitir observar as questões ideológicas que estavam recobrando a realidade circundante e como o discurso de desinformação política foi configurado.

Palavras-chave: Desinformação. COVID-19. Análise Dialógica do Discurso.

ABSTRACT

The objective of our study was to analyze the clash of social voices present in speeches given by the president of the republic, Jair Bolsonaro, about COVID-19 and to understand which interests were in dispute in his statements. Thus, the corpus of the research consisted of four statements about the pandemic, uttered by the representative of the Brazilian Executive Power in the period from March 6 to 24, 2020. Our work was configured as an interpretative research with a qualitative approach. Thus, based on the theory formulated by the Bakhtin Circle, we resort methodologically to the comparison of texts (in a broad sense), as thought by Bakhtin and defended by Geraldi (2012), to carry out the dialogical analysis of the discourses that make up our corpus, relating to journalistic content published at the time that reflect and refract the perception of the practical consequences of presidential speeches on the COVID-19 pandemic. As a result of our analyses, we identified that the president of Brazil adopted disinformation as a strategy for the production of his political

¹ Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE). Doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Salgueiro/PE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4463-0461>. E-mail: orlando.silva@ifsertao-pe.edu.br.

² Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE). Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Salgueiro/PE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9003-2983>. E-mail: kelvya.freitas@ifsertao-pe.edu.br.



discourse, marking his ideological position in the face of the COVID-19 pandemic, with the purpose of preventing the impacts of the pandemic from being perceived by the population and undermined its image, in such a way as to jeopardize its maintenance in charge of the country. Therefore, our research contributes to a better understanding of which interests were put into play in the midst of facing the sanitary chaos caused by COVID-19 in the national territory, in addition to allowing the observation of the ideological issues that were covering the surrounding reality and how the discourse policy disinformation has been set up.

Keywords: Political speech. COVID-19. Dialogical Analysis of Discourse.

1 INTRODUÇÃO

Em uma breve contextualização sobre o nascituro de nosso atual contexto pandêmico, lembramos que, no final do ano de 2019, numa cidade da República Popular da China, chamada Wuhan, foram identificados vários casos de pneumonia, fato esse que, de início, logo preocupou a população local. Porém, somente em janeiro de 2020, as autoridades chinesas alertaram que os casos da estranha pneumonia estavam ocorrendo em função de um novo tipo de coronavírus que, até então, ainda não havia sido identificado em seres humanos. Este novo coronavírus de Wuhan recebeu o nome de SARS-CoV-2 e é responsável por causar a doença COVID-19³.

Assim, no mês de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto causado pelo SARS-CoV-2 deveria ser caracterizado como pandemia, pois a organização já havia identificado a existência de numerosos casos de COVID-19 em vários países e regiões do globo. A partir do alerta e das recomendações feitas pela OMS e do exemplo do cenário sanitário chinês, líderes dos mais variados países começaram a tomar providências, na tentativa de garantir proteção à população contra o novo coronavírus, por meio da adoção de ações que pudessem minimizar os impactos causados pelo agente biológico.

Diante desse cenário, foi inevitável tomar medidas sanitárias que alteraram o curso da vida cotidiana, tais como ter maior cuidado higiênico com as mãos, uso de álcool, limpeza de objetos/superfícies, uso rigoroso de máscaras, até chegar ao pleno isolamento/distanciamento social. Tais medidas tomadas foram e são proporcionais ao tamanho da ameaça em curso. Contudo, diante da necessidade de alterar seus planos políticos, alguns líderes, inicialmente, tentaram minimizar os alertas da OMS. Esse foi o caso do Primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson⁴, que a priori

³ OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. **Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 06 maio 2022.

⁴ MIGUEL, R. de. Quando o coronavírus obrigou Boris Johnson a deixar de ser Boris Johnson. *El País*, Madri, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-23/quando-o-coronavirus-obrigou-boris-johnson-a-deixar-de-ser-boris-johnson.html>. Acesso em: 06 maio 2022.





minimizou o risco do novo coronavírus, mas, em virtude do número de contágios e mortos e dos alertas dos cientistas, teve que reconhecer que o Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido corria risco de colapsar e agravar ainda mais o quadro calamitoso gerado pela pandemia.

Destacamos também outro líder político que menosprezou a pandemia e os efeitos maléficos do SARS-CoV-2: o então presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump⁵. A atitude negacionista do mandatário dos EUA teve um impacto extremamente danoso para o povo estadunidense, vitimando milhares de pessoas naquele país, diretamente – por conta do vírus – e, indiretamente, em virtude do colapso do sistema de saúde⁶.

No Brasil, o primeiro caso registrado de COVID-19 foi o de um homem de 61 anos, que deu entrada, no dia 25 de fevereiro de 2020, no Hospital Israelita Albert Einstein, depois de chegar de uma viagem que realizou à Itália. O ministro da Saúde da época, Luiz Henrique Mandetta, garantiu que a população brasileira teria todas as informações necessárias para que cada um tomasse as precauções contra o coronavírus⁷, tais como cuidados com a higiene e a etiqueta respiratória. Todavia, diversamente ao que garantiu o ministro Mandetta, o presidente da República Jair Messias Bolsonaro demonstrou, através dos seus discursos, ter outros planos para a gestão da pandemia, os quais foram, inicialmente, inspirados nas reações trumpistas sobre o cenário pandêmico, envolvendo a negação do problema, sua minimização e a disseminação de muita desinformação para a população em geral, que foi impactada negativamente pela estratégia política que o presidente brasileiro resolveu adotar para o enfrentamento da crise.

Diante do exposto, temos como objetivo principal neste artigo a análise discursiva de como Jair Bolsonaro, presidente da República do Brasil, fez uso da desinformação como estratégia política na gestão da pandemia da COVID-19. Para tal, fizemos o recorte de quatro enunciados, realizados no período de 06 a 24 de março de 2020, na busca de compreender como o mandatário dialoga ou não com discursos de conscientização frente ao discurso científico.

Assim, ancorados na Análise Dialógica do Discurso (ADD), realizamos uma pesquisa de natureza interpretativa e de abordagem qualitativa. Nesse sentido, através do cotejo (GERALDI, 2012) com outros textos, pudemos examinar os enunciados proferidos pelo presidente como uma

⁵ GANGEL, J.; HERB, J.; STUART, E. Em livro, Trump admite ter minimizado ameaça do novo coronavírus. **CNN Brasil**, [S. l.], 09 set. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/em-livro-trump-admite-ter-minimizado-ameaca-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 06 maio 2022.

⁶ HOLCOMBE, M. EUA se preparam para colapso total do sistema de saúde após aumento da Covid-19. **CNN Brasil**, [S. l.], 03 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eua-se-preparam-para-colapso-total-do-sistema-de-saude-apos-aumento-da-covid-19/>. Acesso em: 10 maio 2022.

⁷ UNA-SUS. Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença. **UNA-SUS**. Brasília, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 06 maio 2022.





grande resposta discursiva a uma ação concreta da vida que foi a pandemia. Destacamos que compreendemos que nesse período houve um emaranhado de enunciados que travam essas relações: por um lado, apresentaram-se as vozes sociais da ciência, tida por nós como sendo o discurso oficial técnico-científico, e, por outro lado, as vozes da desinformação (sem base científica/*fake news*), que foram utilizadas pelo mandatário brasileiro para manipular as pessoas, visando garantir a manutenção dos seus projetos políticos.

Isto posto, pontuamos que o nosso trabalho apresenta, além desta seção de introdução, mais três seções: uma direcionada ao referencial teórico sobre a perspectiva discursiva bakhtiniana; outra na qual trazemos as materialidades discursivas com as vozes da ciência e da sua negação, demonstrando como o discurso político da desinformação do presidente prevaleceu como resposta ao discurso oficial da ciência durante o enfrentamento da pandemia realizado pelo governo Bolsonaro; e, por fim, as nossas considerações sobre essa proposta analítica.

2 A PERSPECTIVA DISCURSIVA BAKHTINIANA

Como sinalizamos, nosso aporte teórico foi elaborado com base nas ideias e reflexões formuladas pelo Círculo de Bakhtin. Cabe-nos lembrar que esse grupo era formado por intelectuais russos que se reuniam, durante o início do século XX, para debater os fenômenos da linguagem, com a intenção de romper com paradigmas racionalistas, positivistas, que deixavam à margem o contexto e a historicidade postos nas relações e produções de linguagem.

Em outras palavras, o grupo⁸ que, a princípio, alinhava-se a um viés filosófico transformou-se em um marco para os estudiosos das áreas das Ciências Humanas, já que se propunha a pensar a linguagem como fenômeno social, concreto e ideológico. Conforme Abreu (2021, p. 38), a importância do Círculo reside na compreensão da linguagem como um ato social vivo e dialógico, intimamente ligado ao tempo e ao espaço da enunciação, além de entendê-la como uma atividade discursiva “[...] entre sujeitos singulares que ocupam posições valorativas em processos de alteridade; como arquitetônica que estrutura os discursos por meio dos mais variados gêneros nos campos da atividade humana; entre outros pontos que compreendem a linguagem como enunciado discursivo”.

Além disso, outros conceitos formulados pelo Círculo revelam aos pesquisadores da linguagem que o enunciado pode ser considerado algo complexo e multifacetado, pois diversos

⁸ Dentre os membros do Círculo, três nomes apresentam grande destaque no campo dos estudos da linguagem. São eles: Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pável N. Medviédév. Os estudiosos russos deixaram como legado uma rica contribuição intelectual sobre diversos temas, em especial, sobre os estudos da linguagem.





discursos circulam em variadas esferas da comunicação humana, revelando a singularidade dos processos. Como consequência, devemos pensar o enunciado interligando-o à noção de signo ideológico, de gêneros discursivos, de dialogismo, de alteridade, de autoria, de cronotopia, de cultura, de exotopia, de forças centrípetas e forças centrífugas, de horizonte social, de responsividade, dentre outras. Reforçamos que esses conceitos propostos pelos integrantes do Círculo dão base aos pilares bakhtinianos sobre a perspectiva discursiva da linguagem na sua concretude, de maneira viva e ideológica, tanto no cotidiano como nas superestruturas da sociedade.

Sendo assim, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), Volóchinov (2018) postula que a reflexão sobre a língua deve se dar por meio de sua enunciação, de sua realização concreta e material, na qual se encontra permanentemente associada às condições de produção, de recepção e de circulação dentro de estruturas sociais vigentes.

Nessa linha de raciocínio, compreendermos o contexto em que surgiu ou que deu o início ao discurso científico sobre a pandemia, em um dado tempo e em determinada conjuntura social (cronotopo), ao pensarmos em nosso objeto de estudo neste artigo, ajuda-nos a entender os embates que dali reverberam como resposta àquele discurso e as intencionalidades subjacentes existentes ao se pensar no auditório social específico a que se direciona um determinado dizer. Nessa perspectiva, conforme Bakhtin (2018, p. 329), a palavra como signo ideológico “[...] entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal”, estando na comunicação, na interação posta entre sujeitos, na forma como o homem se revela para si e para os outros.

De fato, este é o fundamento que dá vida aos textos, revela a concretude discursiva das ações e das intenções dos sujeitos/dos interlocutores através dos enunciados, uma vez que, como sinaliza Volóchinov (2019, p. 117), “[...] a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido.” Desse modo, a palavra não pode ser concebida como autossuficiente, pois os sentidos são construídos sócio-historicamente, em um dado tempo e espaço, por sujeitos discursivos, mas deve ser entendida como produto da criação ideológica, já que a palavra, o signo, como objeto material, é parte de uma realidade que rodeia o próprio homem e é rica em intencionalidades (VOLÓCHINOV, 2018; MEDVIÉDEV, 2016; BAKHTIN, 2015), de modo que o sujeito não poderá escapar da responsividade aplicada. Como pontua Abreu (2021, p. 312), “[...] a todo momento somos impelidos a nossa existência do não-álibi, a sermos sujeitos responsivos e respondentes, constituindo-nos, de forma alteritária, por intermédio dessas mesmas palavras”.

Para Bakhtin (2016), ao compreendermos o significado de determinada palavra em uma dada situação, não entenderemos tão somente o significado ali expresso, mas “ocuparemos” em relação a





essa palavra uma posição responsiva. Relativamente a essa posição, podemos demonstrar acordo ou desacordo, divergência ou convergência, simpatia ou antipatia, aproximação ou afastamento, aliança ou embate, revelando que há uma entonação expressiva que pertence ao enunciado e não à palavra (BAKHTIN, 2016). Por este motivo, é preciso considerarmos a posição social que o locutor/sujeito ocupa, bem como o ouvinte/interlocutor/auditório social e o campo aperceptivo deste, pois é nesse horizonte social partilhado que se colocam as relações dialógicas dos sujeitos: o “falante” constrói seu processo de enunciação em “território alheio”, no campo aperceptivo do “ouvinte”, para que haja a interlocução (BAKHTIN, 2015).

Logo, quando a palavra entra em relação com outros enunciados, ganha significado e valor, transforma-se em signo ideológico, justamente por fazer parte do tecido dialógico próprio da vida humana (BAKHTIN, 2018). Assim, segundo Medviédev (2016, p. 48-49):

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas ‘almas’ das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem.

Como observamos nas palavras de Medviédev (2016), o componente social e ativo, por meio da materialidade histórica implicada do objeto, denota o sentido e o valor deste em cada contexto utilizado por sujeitos/locutores reais, em situações também reais. Medviédev (2016) ressalta que esta realidade ideológica, refletida mediante um objeto materializado (como a palavra), dá-se no momento da realização do horizonte ideológico de um sujeito discursivo. Ademais, o estudioso afirma que, independente da significação da palavra, esta, “[...] antes de mais nada, está materialmente presente como palavra falada, escrita, impressa, sussurrada no ouvido, pensada no discurso interior, isto é, ela é sempre parte objetiva e presente do meio social do homem.” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 50).

Dessa maneira, o Círculo nos mostra que nosso enunciado é preñado de outras vozes com as quais dialogamos e, de igual modo, encontramos relação com nosso universo discursivo, com nossa esfera de atividade e, por isso, partilhamos e construímos os sentidos em cada contexto, pois o momento da realização dessa realidade ideológica é único. Para Bakhtin (2015, p. 69), “[...] cada palavra exala um contexto e os contextos em que leva sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções.”

Diante da perspectiva dos estudiosos do Círculo, o signo não deve ser concebido apenas como uma parte de uma dada realidade social, mas como um objeto material que pode refletir e



refratar uma outra realidade, devido ao processo dialógico existente, com possibilidades de modificá-la, alterá-la, sê-lhe idêntica, captá-la por meio de um ponto de vista próprio (VOLÓCHINOV, 2018), estando submetido a parâmetros de uma avaliação ideológica, de um campo valorativo de inserção do sujeito/locutor, do seu lugar social.

Nesse sentido, observamos que o enunciado carrega valores, traz e expressa um posicionamento axiológico do sujeito e da sua relação com o outro, com o interlocutor. Por isso, o enunciado se configura como um campo de luta, uma arena onde os horizontes sociais e os valores são colocados em disputa, em embate. Em síntese, nesses enunciados, é possível recuperar as vozes sociais presentes. Portanto, na próxima seção, objetivamos compreender como esses enunciados sobre a (des)informação no contexto da pandemia se fazem presentes e causam esses embates discursivos.

3 A (DES)INFORMAÇÃO NA GESTÃO DA PANDEMIA: O EMBATE DE VOZES

Diante do contexto pandêmico, consideramos que a OMS e seus parceiros colaboradores apresentaram o discurso oficial da ciência sobre a pandemia do novo coronavírus, entoando a voz do conhecimento técnico-científico sobre o tema. Diversamente, o presidente da República apresentou um discurso institucional ao representar o governo brasileiro, que destoava das vozes da ciência, pois apresentava posições negacionistas sobre o cenário apresentado. Assim, o mandatário produziu enunciados contrários às constatações científicas e promoveu a desinformação do auditório social na busca da adesão dos interlocutores ao seu plano particular de gestão da saúde pública durante a crise sanitária provocada pela COVID-19, como veremos nas materialidades a serem analisadas nesta seção.

Nesse sentido, Volóchinov (2018) destaca que o processo de interação discursiva leva em consideração a situação social mais próxima como base para a produção enunciativa. No caso deste artigo, o cenário pandêmico que assolou a população mundial foi o propulsor da interação discursiva analisada. À vista disso, observamos como o autor dos enunciados orientou os signos ideológicos relacionados à pandemia através das vozes sociais evidenciadas nas suas enunciações: da ciência e da desinformação.

Isto posto, cumpre-nos destacar que a desinformação como estratégia de sustentação e manipulação discursiva foi assumida por nós segundo a proposta de Pinheiro e Brito (2014). Para os autores, há três significados para o termo desinformação, a saber: (1) ausência de informação,





situação que ocorre quando uma pessoa ou grupo de pessoas não é informado ou é mal-informado sobre algo; (2) informação manipulada, que ocorre quando produtos informacionais de baixo nível cultural são fornecidos por uma elite para determinados setores sociais visando à manutenção do *status quo*, através da “imbecilização”⁹ dos grupos afetados; (3) engano proposital, que se caracteriza pela ação intencional de enganar alguém com o objetivo de induzi-lo ao erro, por meio da influência da opinião pública ou do obscurecimento da verdade.

Diante das significações apresentadas, observamos que, em uma delas, a desinformação pode ser compreendida como ferramenta estratégica para se alcançar objetivos específicos dentro de um sistema de disputa de poder, como é o caso do sistema político. Todavia, o uso político da desinformação poderá trazer efeitos colaterais imprevisíveis para as vítimas das distorções informacionais, principalmente, quando se envolvem questões atinentes à manutenção da vida, tendo em vista a possibilidade da morte de pessoas.

Conforme já destacamos, no início de 2020, a OMS reuniu seu corpo científico e declarou que o surto causado pelo SARS-CoV-2 deveria ser classificado como uma pandemia, já que, em vários países e regiões do mundo, havia registros de numerosos casos de pessoas acometidas pela COVID-19. A partir desse momento, a autoridade sanitária mundial começou a apresentar diversas medidas relacionadas à saúde pública e ao contexto social influenciado pela pandemia, de modo a garantir os cuidados necessários contra a doença e, também, a mitigação dos seus impactos nas populações atingidas.

Sendo assim, a OMS publicou, em 18 de maio de 2020, um documento¹⁰ no qual listou medidas que buscavam retardar a transmissão do vírus e prevenir a doença COVID-19 e as mortes associadas a ela. O documento incluiu as seguintes categorias de medidas:

- **Medidas pessoais** – relacionadas à higiene frequente das mãos, ao distanciamento físico entre as pessoas, à etiqueta respiratória, ao uso de máscaras em caso de doença ou atendimento a alguém doente e à limpeza e à desinfecção do ambiente doméstico.
- **Medidas de distanciamento físico e social** – relacionadas ao distanciamento físico entre pessoas: redução ou cancelamento de aglomerações e evitar espaços lotados em diferentes ambientes, trabalhar em casa, ficar em casa e realizar adaptações para os locais de trabalho e para as instituições de ensino.

⁹ A imbecilização é uma forma de cegar o entendimento.

¹⁰ WHO. Overview of Public Health and Social Measures in the context of COVID-19. **World Health Organization**. [S. l.], 18 may 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/overview-of-public-health-and-social-measures-in-the-context-of-covid-19>. Acesso em: 06 maio 2022.





- **Medidas de movimento** – relativas à limitação do movimento de pessoas local ou nacionalmente e à consideração de um cordão sanitário ou outras medidas justificadas em razão da COVID-19.
- **Medidas especiais de proteção** – relacionadas à proteção das populações especiais (idosos, pessoas com condições médicas subjacentes etc.) e grupos vulneráveis socialmente (trabalhadores migrantes, refugiados, populações deslocadas, sem-teto etc.)¹¹.

Neste mesmo documento, a OMS orientou que as medidas sociais e de saúde pública apresentadas poderiam ser ajustadas com base nos contextos de cada país ou região, em busca de garantir as condições de saúde e a não deterioração do bem-estar socioeconômico da população. Todavia, a possibilidade de adequação das medidas apresentadas pela autoridade de saúde considerava que haveria o compromisso de cada governante com a proteção dos cidadãos do seu país ou região, com base na ciência e nas leis vigentes (peculiaridades locais), para a gestão da pandemia e das suas consequências.

Com efeito, durante os primeiros momentos da pandemia do novo coronavírus, inevitavelmente, muitas dúvidas e incertezas surgiram e deixaram a população desorientada, sobretudo como proceder em relação à prevenção e/ou remediação da doença. Com isso, a mídia tradicional (no contexto brasileiro) convergiu para o discurso oficial científico apresentado pela OMS para orientar a população, como no tocante ao uso das máscaras¹² e a não adoção de medicamentos ineficazes¹³ contra a COVID-19.

Nessa direção, a recomendação do uso de máscaras fazia parte das medidas da OMS para a prevenção e o controle da COVID-19, pois tal equipamento de segurança visava limitar a propagação do SARS-CoV-2. Além disso, a autoridade sanitária não recomendou a utilização de medicamentos que não fossem comprovados cientificamente, como a cloroquina e a ivermectina, dentre outros que foram utilizados para montar um conjunto de medicamentos denominado de “kit COVID”¹⁴, cuja administração ocorria através de um procedimento negacionista chamado “tratamento precoce”, prática essa estimulada por um grupo de pessoas que formava,

¹¹ Tradução nossa.

¹² ROCHA, L.; CAMBRAIA, D. Ômicron: máscara é imprescindível para evitar a transmissão, diz especialista. **CNN Brasil**, [S. l.], 28 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/omicron-mascara-e-imprescindivel-para-evitar-a-transmissao-diz-especialista/>. Acesso em: 10 maio 2022.

¹³ ROCHA, C. Remédios ineficazes do kit covid: o que a ciência diz de cada um. **Nexo Jornal**, São Paulo, 14 abr. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/04/14/Rem%C3%A9dios-ineficazes-do-kit-covid-o-que-a-ci%C3%Aancia-diz-de-cada-um>. Acesso em: 11 maio 2022.

¹⁴ FERREIRA, I. “Tratamento precoce” e “kit covid”: a lamentável história do combate à pandemia no Brasil. **Jornal da USP**, São Paulo, 14 out. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=460794>. Acesso em: 09 maio 2022.



clandestinamente, um “gabinete paralelo”¹⁵ do Ministério da Saúde e que, também, sugeria métodos não recomendados para a gestão da pandemia no Brasil junto ao presidente da República. Em suma, esse foi o contexto inicial no qual estávamos inseridos quando do início da pandemia em nosso país.

Assim sendo, no que toca ao discurso do presidente brasileiro, nos seus posicionamentos iniciais sobre a pandemia, ele apresentou um tom harmonioso com as vozes da ciência, dando sinais de que seguiria o protocolo da entidade mundial de saúde. Este tom foi percebido no enunciado analisado, proferido no dia 06 de março de 2020 (duas semanas depois do primeiro caso de COVID-19 no Brasil), quando o chefe do Executivo fez um pronunciamento oficial¹⁶ sobre o coronavírus:

O mundo enfrenta um grande desafio. Nos últimos meses, surgiu um vírus novo, contra o qual não temos imunidade. Os casos se iniciaram na China, mas o vírus já está presente em todos os continentes. O Brasil reforçou seu sistema de vigilância em portos, aeroportos e unidades de saúde, e foi o primeiro país da América do Sul a lidar com a enfermidade. Desde então, transmitimos informações diárias, transparentes a todos os Estados e municípios, para que cada um organize da melhor forma o atendimento à população.

O governo federal vem prestando orientações técnicas a todos os Estados, por intermédio do Ministério da Saúde. Os demais ministérios uniram esforços e, junto aos demais Poderes, seguirão garantindo o funcionamento das nossas instituições até o retorno à normalidade.

Determinei ações que ampliam o funcionamento dos postos de saúde, bem como reforço aos nossos hospitais e laboratórios. Convoco a população brasileira, em especial os profissionais de saúde, para que trabalhem unidos e superemos juntos essa situação. O momento é de união. Ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico. Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção. Que Deus nos proteja e abençoe o nosso Brasil.

Esse discurso foi realizado pelo presidente Bolsonaro em cadeia nacional de rádio e televisão, além de ser exibido pela internet nos canais oficiais do governo e retransmitido por terceiros. O tema do seu texto era o novo coronavírus. O auditório social idealizado para a interlocução com esse enunciado era o povo brasileiro. Nos primeiros momentos de sua fala, o presidente demonstra a gravidade do problema ao dizer que “*O mundo enfrenta um grande desafio*” e, em seguida, destaca que o desafio é um vírus originário da China que já está presente em todos os continentes. Diante do contexto apresentado, o mandatário destaca ações contingenciais que estavam sendo realizadas através do reforço dos sistemas de vigilância em portos, aeroportos e unidades de saúde. Além disso,

¹⁵ NICOLAV, V. Gabinete paralelo: atuação de grupos extraoficiais é marca do governo, diz analista. **Brasil de Fato**, São Paulo, 28 maio 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/28/gabinete-paralelo-atuacao-de-grupos-extraoficiais-e-marca-do-governo-diz-analista>. Acesso em: 09 maio 2022.

¹⁶ PRONUNCIAMENTO oficial do presidente Jair Bolsonaro sobre Covid-19. Publicado pelo canal TV BrasilGov. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (1min. 58s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yRoFlsYE-EI>. Acesso em: 11 maio 2022.



comunica que os órgãos responsáveis do seu governo estariam transmitindo informações diárias aos estados e municípios, a fim de que pudessem organizar *“da melhor forma o atendimento à população”*.

Ainda em sua fala, o chefe do Executivo destaca que o governo federal está *“prestando orientações técnicas a todos os Estados”* através do Ministério da Saúde. Ao citar os outros ministérios e Poderes da República, busca demonstrar, ao dizer que *“uniram esforços”*, que há uma grande cooperação para garantir o funcionamento das instituições até que a normalidade se reestabeleça. Observamos que as escolhas estilísticas buscam expressar ao público (auditório social) ares de tranquilidade, com a utilização de palavras de fácil assimilação, com vistas a demonstrar algumas ações do governo federal junto aos estados. Além disso, a mensagem apresenta sentidos de união, para que o problema seja enfrentado e vencido em território nacional, percepção que será reforçada na última parte do discurso, na qual convoca a população brasileira, em especial os profissionais da saúde, para superar a situação através do trabalho em conjunto. Em seguida, o presidente busca acalmar o interlocutor, dizendo que *“não há motivo para pânico”* e, como orientação final, faz uma incorporação das vozes da ciência ao dizer que se deve *“Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção”*.

Com base na análise desse pronunciamento, percebemos que o presidente faz referência, mesmo sem apresentar dados detalhados, às informações oficiais que são conhecidas publicamente, através dos veículos de comunicação, sobre o novo coronavírus. Assim, a sua declaração surge como resposta ao já-dito sobre o novo coronavírus pelos diversos veículos de comunicação (tradicionais e/ou internet). Nessa sua resposta, o mandatário faz menção (como uma prestação de contas ao povo brasileiro) às ações que o governo está realizando para que o problema seja gerenciado com a atenção que merece. Observamos que, no início do pronunciamento, há o dimensionamento do problema (*“O mundo enfrenta um grande desafio.”*) e que, no fechamento, há uma orientação para que a população se proteja (*“Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas”*). Estas partes presentes no seu enunciado estão dialogicamente assimilando as vozes da ciência, reproduzidas pela OMS e por especialistas, ao orientar a população sobre os riscos e a prevenção da COVID-19.

Alguns dias após realizar a declaração anteriormente analisada, o presidente Bolsonaro fez uma viagem aos EUA e, em solo norte-americano, produziu um novo enunciado, já na data de 10 de março de 2020, agora sobre a reação do “mercado financeiro” à pandemia do coronavírus, dizendo que *“Obviamente temos no momento uma crise, uma pequena crise. No meu entender, muito mais fantasia, a questão*



do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propala ou propaga pelo mundo todo"¹⁷. Ao analisarmos a fala do presidente, é possível percebermos uma mudança de tom sobre o problema pandêmico, pois antes seu posicionamento convergia para o discurso oficial da ciência sobre a COVID-19, proferido pela OMS e/ou por especialistas. Porém, em território estrangeiro, o mandatário brasileiro diz que havia uma pequena crise e que, no seu entendimento, o coronavírus era uma "fantasia", pois o vírus não era "tudo isso que a grande mídia propala ou propaga pelo mundo todo", de modo a demonstrar um movimento de minimização do problema.

Neste momento da linha discursiva analisada, o presidente brasileiro denota seu distanciamento em relação ao discurso oficial dos especialistas, que ecoa as vozes científicas, e se aproxima do discurso político trumpista de minimização¹⁸ da pandemia: "*Ainda gosto de minimizá-la, porque não quero criar pânico.*", disse o presidente norte-americano, Donald Trump, à época. Assim, conseguimos identificar que, a partir da sua ida aos EUA, no início da situação pandêmica, Bolsonaro começou a minimizar o impacto do novo coronavírus, posicionamento discursivo distinto daquele adotado no seu pronunciamento do dia 06 de março de 2020, manifestando, agora, sua inclinação para o uso das vozes da desinformação como ferramenta político-ideológica.

Com o passar cronológico, vemos, em 17 de março de 2020, dia em que ocorreu a primeira morte por COVID-19 no país, Bolsonaro dar uma entrevista para uma rádio, e, ao ser questionado sobre a gravidade do vírus e sobre seu comportamento de contrariar as recomendações de segurança, ele diz que:

Não é o povo que está criticando, não. Não é o povo. É a grande mídia que desde antes de assumir, os caras não deixam a gente em paz. Tem que ter muita força de vontade para poder trabalhar porque é só notícia ruim por parte desses grandes órgãos de imprensa aí. O que que está acontecendo, nós íamos passar por isso. Começou na China, foi para outros países da Europa e iríamos passar por isso. Agora, o que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. E uma nação, o Brasil, por exemplo, só estará livre desse vírus, né, o coronavírus [sic] aí, tá, quando? Quando um certo número de pessoas forem infectadas e criarem anticorpos, que passam a ser barreira para não infectar quem não foi infectado ainda.¹⁹

¹⁷ SBT NEWS. Nos EUA, Jair Bolsonaro minimiza crise gerada pelo novo coronavírus. Pulicado pelo canal SBT News. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (2min. 58s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ai742dM_tNA. Acesso em: 11 maio 2022.

¹⁸ DW. Trump minimizou intencionalmente a gravidade da pandemia. **Made for minds**. [S. l.], 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/trump-minimizou-intencionalmente-a-gravidade-da-pandemia-revela-livro/a-54874239>. Acesso em: 11 maio 2022.

¹⁹ SOARES, I. Bolsonaro repete que há 'histeria' sobre coronavírus e diz que dará 'festa'. **Correio Braziliense**, Brasília, 17 mar. 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/17/interna_politica,834840/bolsonaro-histeria-sobre-coronavirus-e-diz-que-dara-festa.shtml. Acesso em: 14 dez. 2022.





Nesse trecho da entrevista, o presidente faz dois movimentos discursivos para minimizar o impacto da pandemia no país e justificar suas ações. O primeiro é o de dizer que “*Não é o povo que está criticando, não.*”, na tentativa de fazer parecer que o “povo” está do lado dele, na busca de construir uma realidade específica com base no apoio popular que diz/julga ter. O segundo movimento discursivo é o de atribuir a culpa do agravamento da situação pandêmica no país a “*grandes órgãos de imprensa*”, que, segundo ele, só apresentam notícia ruim, situação que causa “*histeria, como se fosse o fim do mundo.*” Além disso, ele assume a defesa de que a população brasileira só ficaria livre do vírus quando ocorresse a infecção de um “*certo número de pessoas*”, fato que lhes acarretaria a criação de anticorpos. Todavia, ao sugerir a infecção direta como forma de solução da pandemia, Bolsonaro traz à tona um discurso que se distancia da voz da ciência, defendida pela OMS e por especialistas, e evoca sentidos que podem orientar erroneamente o seu auditório social, provocar a piora do problema e mais mortes.

No dia 24 de março de 2020, o presidente fez outro pronunciamento oficial sobre a pandemia em cadeia de rádio e televisão, que foi retransmitido por diversos portais de notícias do Brasil. Segue o texto na íntegra.

Boa noite.

Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo.

Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então, o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas.

Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País.

Contudo, percebe-se que de ontem para hoje parte da imprensa mudou o seu editorial: pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom, parabéns imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.





O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade.

Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa.

O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do COVID-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite.

Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença.

Aproveito para render minha homenagem a todos os profissionais de saúde - médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores - que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam.

Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação.

Estamos juntos, cada vez mais unidos.

Deus abençoe nossa Pátria querida.

Nesse pronunciamento, Bolsonaro inicia com o destaque das ações do seu governo para a retirada de brasileiros de Wuhan, origem do novo coronavírus. Ao escolher palavras como “resgatar” e “operação”, percebemos o tom militaresco da frase, na intenção de dar um sentido de algo grandioso feito por parte do governo. Em seguida, o presidente salienta que o governo sabia que “*mais cedo ou mais tarde*” o vírus chegaria ao Brasil e que o ministro da Saúde estava trabalhando, junto com os secretários de Saúde dos estados, no planejamento para enfrentar o vírus. Cabe destacar, no enunciado, o elogio feito ao ministro da Saúde, Henrique Mandetta, quando o presidente diz que ele “*vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas.*”, ato que insinua concordância com as ações realizadas pelo seu ministro.



Dando continuidade, o presidente diz que buscaram (ele e sua equipe) conter o pânico e a histeria paralelamente ao planejamento da estratégia para “*salvar vidas e evitar o desemprego em massa.*” e que fizeram isso “*quase contra tudo e contra todos.*” Nesse ponto do enunciado analisado, destacamos que o presidente faz a evocação da voz do outro (os contrários, a oposição), que, conforme compreendemos, seria uma força contrária que dificulta as suas ações (ações do seu governo). Seguindo com o enunciado, esse outro começa a ser revelado, no caso, “*Grande parte dos meios de comunicação*”, que, segundo o presidente, “*foram na contramão*”, ou seja, criaram empecilhos e/ou foram contrários às ações que o seu governo propunha e/ou executava.

Desse modo, o mandatário cita a utilização, por parte da mídia brasileira, das notícias do cenário pandêmico italiano para fundamentar seus argumentos, pois, para ele, os meios de comunicação apresentavam tais notícias para causar a “*sensação de pavor*” no povo brasileiro, mas que a realidade da Itália era agravada por conta do “*grande número de idosos*” e do clima (frio). Logo em seguida, articula seu dizer para sustentar que nas últimas horas percebeu uma mudança de editorial em parte da mídia, pois notou pedidos de calma e tranquilidade. Nesse momento da declaração, observamos a reacentuação do discurso alheio para reforçar o seu argumento anterior de que havia posicionamentos contrários às suas ações de combate à pandemia. A propósito disso, Bolsonaro diz que “*É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.*” e realiza um movimento discursivo de assimilação do discurso do outro, para construir, através do seu discurso, a sua posição de defesa da “*verdade*” (da sua verdade).

Ainda em sua fala, o chefe do Executivo destaca que o vírus chegou, que está sendo enfrentado pelo seu governo e que “*brevemente passará.*” O mandatário também diz que a “*Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado.*”, e que, portanto, “*Devemos, sim, voltar à normalidade.*” Para sustentar suas declarações, o presidente se vale da voz alheia, quando incorpora ao seu enunciado a ideia de que “*Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada*” e as medidas protetivas recomendadas pela OMS (voz da ciência) listadas por ele: a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa.

Assim, para reforçar suas declarações, Bolsonaro traz o argumento de que os dados mundiais apontavam que o grupo de risco são pessoas acima de 60 anos de idade, e, em seguida, questiona: “*Então por que fechar escolas?*”, argumentando que “*Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade.*” Ao mesmo tempo, afirma que a maior preocupação que devemos ter é a de “*não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós*”, conforme as recomendações do



Ministério da Saúde. Não obstante, a fala do presidente evoca a defesa do conceito de “*isolamento vertical*”, cuja prática não era recomendada pela OMS, visto que, nesse tipo de isolamento, as pessoas que não fizessem parte do grupo de risco poderiam transitar livremente, situação que lhes acarreta o aumento das chances de contração e de transmissão da doença aos demais indivíduos, elevando o número de infectados e, portanto, o número de mortos. Além disso, a ideia apresentada pelo mandatário faz o público acreditar que é possível voltar à normalidade durante a pandemia sem que haja ameaça ao grupo de risco destacado.

Nesse mesmo sentido, Bolsonaro também diz que o seu “*histórico de atleta*” o protegeria do vírus, pois, caso contraísse a doença, só sentiria uma “*gripezinha*” ou “*resfriadinho*”, fazendo referência (resposta/diálogo) à fala do médico Drauzio Varella (“*aquele conhecido médico daquela conhecida televisão*”), que, antes de a doença chegar ao Brasil, cogitou que os sintomas fossem como os de um resfriado comum, mas que, com o passar do tempo, os acontecimentos lhe fizeram mudar de posicionamento²⁰, o que o fez afirmar que a doença realmente era grave. Através desse movimento de incorporação do discurso alheio, o mandatário se vale da autoridade médica para sustentar seu posicionamento sobre a doença. Além disso, implicitamente, Bolsonaro faz referência à TV Globo, quando fala “*daquela conhecida televisão*”. Toda a construção de sentidos sobre Drauzio Varella e a TV Globo é feita através das relações dialógicas existentes no contexto informacional da época, pois o referido médico participou e apresentou quadros e programas da emissora Globo.

Subsequentemente, diz que o mundo inteiro busca tratamento para a doença (COVID-19) e cita o *Food and Drug Administration* (FDA) e o Hospital Albert Einstein como instituições que estão testando a “*eficácia da Cloroquina no tratamento do COVID-19*”. Logo em seguida, incorpora um tom religioso, pois afirma acreditar que Deus capacitará os cientistas e pesquisadores a encontrarem a cura para a COVID-19. Nessa parte do discurso, cita o nome de um medicamento, a cloroquina, como possível tratamento para a doença, e se utiliza da autoridade institucional do FDA e do Hospital Albert Einstein para dar credibilidade a esta possibilidade: desse medicamento ser a solução para a pandemia.

Na última parte do seu pronunciamento, o presidente diz render homenagens aos profissionais de saúde, os quais, segundo ele, “*nos tratam e nos confortam*”. Além disso, pede para que não haja “*pânico ou histeria*”, resgate do pensamento de que quem defende ações contrárias ao que ele prega estaria disseminando o terror, o nervosismo, para grande parte da população. Por isso, segue e

²⁰ BITTENCOURT, J. Bolsonaro: “quem falou gripezinha não fui eu, foi o Drauzio Varella”. *Revista Forum*, [S. l.], 15 jan. 2021. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/coronavirus/2021/1/15/bolsonaro-quem-falou-gripezinha-no-fui-eu-foi-drauzio-varella-89608.html>. Acesso em: 20 out. 2022.





afirma que “venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação”, na intenção de estabelecer a ideia de união, patriotismo e de esperança com o futuro da nação. Por fim, reforça a ideia de união (“*Estamos juntos, cada vez mais unidos.*”) e, ao evocar Deus, pede a bênção para “*nossa Pátria querida*”, na busca de reforçar a ideia do amor à pátria, mediante a relação de sentido com o seu lema de campanha-governo: Deus, Pátria e Família²¹.

Nessa linha cronológica e discursiva, destacamos que, no dia 16 de abril de 2020, mesmo após ter falado que o ministro da Saúde realizava um “*excelente*” trabalho comunicacional e de preparação do Sistema Único de Saúde (SUS), o chefe do Executivo demitiu o ministro Mandetta. A demissão surgiu justamente quando o então ministro defendeu seguir o discurso da ciência, momento no qual há a negação da aparente tranquilidade do que de fato ocorria com a pandemia em solo brasileiro. Este fato reforça e evidencia o movimento realizado no pronunciamento presidencial anteriormente analisado, no qual o mandatário fala que “*Devemos, sim, voltar à normalidade.*” e defende a liberação dos transportes, abertura do comércio e o fim do confinamento em massa, além de se questionar sobre o fechamento das escolas, com base nos argumentos da configuração do grupo de risco e da possibilidade de a cloroquina ser o medicamento para a cura da COVID-19 (até preventivamente).

À vista disso, diante desses vários movimentos discursivos, reforçamos a nossa percepção de que o presidente mudou sua postura após sua ida aos EUA, pois passou a adotar a defesa do afrouxamento das medidas protetivas através de falas que manipulavam a informação e promoviam enganos propositais ao seu auditório (a desinformação). Bolsonaro buscava, com isso, manipular e distorcer discursivamente a percepção da realidade concreta, na tentativa de criar, por meio do seu discurso, certa normalidade à vida cotidiana, com a intenção de evitar que a economia parasse e comprometesse a imagem econômica do seu governo. Estas considerações podem ser averiguadas em partes do seu pronunciamento, que aborda o perigo de as pessoas perderem seus empregos e o sustento de suas famílias, ato que forçava os trabalhadores a retornarem aos seus postos de trabalho, mesmo com o risco da infecção, pois, caso alguém adoecesse, um possível medicamento já estaria a caminho: a cloroquina.

Nessa linha discursiva da desinformação adotada pelo mandatário, destacamos o incentivo ao uso do “kit COVID”, que se torna conhecido por intermédio de Bolsonaro, pelo qual buscou tranquilizar a população para que a economia nacional não sofresse em virtude das medidas de

²¹ VEIGA, E. Como "Deus, Pátria e Família" entrou na política do Brasil. **Made for minds**. [J. I], 7 out. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-deus-p%C3%A1tria-e-fam%C3%ADlia-entrou-na-pol%C3%ADtica-do-brasil/a-63371501>. Acesso em: 20 out. 2022.





combate ao vírus/doença. Assim, o líder da nação buscou promover o medicamento cloroquina, que não tem eficácia científica comprovada contra a COVID-19, como sendo a “solução” contra a doença causada pelo novo coronavírus, com o objetivo de fazer a população voltar à normalidade, para não comprometer os índices econômicos do país durante a sua gestão. Desse modo, o medicamento cloroquina e a sua caixa – o não uso de máscara, a aglomeração de pessoas e vários outros elementos e ações do presidente contrários às vozes da ciência – se tornaram material sócio para representar a sua ideologia, objetos materiais que fizeram parte da realidade que circundou o auditório social do mandatário durante toda a pandemia, pois, como pontua Medviédev (2016, p. 56), “[...] A consciência humana não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia.”

Nesse sentido, como nos lembram os pensadores do Círculo, “nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 181). Além disso, como “todas as palavras e formas são povoadas de intenções” (BAKHTIN, 2015, p. 69), as falas de Bolsonaro conseguiram convencer parte do auditório social que se identificava com um discurso que evocava signos do senso comum (de fácil assimilação) e, também, conseguiram convencer outra parcela do auditório com o discurso em torno do negacionismo científico ao se aproveitar do momento “novo” e “desconhecido” para questionar se de fato a ciência teve tempo suficiente para fazer experimentos e testagens que validassem o discurso OMS.

Portanto, com base na linha discursiva analisada e nas materialidades discursivas apresentadas, pudemos compreender melhor como o embate de vozes dissonantes levou o Brasil a atingir números tão desastrosos na gestão da pandemia da COVID-19: quase 700 mil mortes diretamente creditadas à doença²² e o último lugar em um *ranking* que analisa a reação de diversos países em relação ao combate à COVID-19²³.

4 CONCLUSÃO

A pandemia do novo coronavírus gerou várias crises no mundo e, especialmente, no Brasil, em virtude dos posicionamentos adotados pelo governante do país que, além da crise sanitária,

²² AGÊNCIA BRASIL. Covid-19: Brasil registra 122 mortes e 45,5 mil casos em 24 horas. **Agência Brasil**. Brasília, 7 jul. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-07/covid-19-brasil-registra-122-mortes-e-455-mil-casos-em-24-horas>. Acesso em: 05 jul. 2022.

²³ BBC. Brasil é último em ranking que analisa reação de países à covid-19. **BBC News Brasil**, São Paulo, 30 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55870630>. Acesso em: 11 maio 2022.





desencadeou uma crise econômica e piorou a crise política com base nas suas defesas sobre a situação pandêmica. Assim, por meio da análise dos discursos produzidos em decorrência da situação provocada pela COVID-19, pudemos observar o embate de vozes dissonantes (ciência e desinformação) sobre a pandemia e sobre as formas de enfrentá-la. Em meio a este embate, os enunciados do presidente Jair Bolsonaro convergiram para a desinformação como estratégia política para a gestão pandêmica, fato que acarretou o desconhecimento dos riscos da COVID-19 à parcela do seu auditório social que confiou nas falas do presidente e se expôs ao perigo da doença (basta conferirmos os números de infectados e mortos no Brasil comparando-os aos de outros países do mundo).

Dessa forma, a materialização das ideologias negacionistas pode ser observada por meio de palavras, gestos, ações, atitudes e objetos significantes. Em nosso contexto, visualizamos o embate de vozes em razão de o próprio presidente, inicialmente, ter sido compatível ao discurso acadêmico-científico para, posteriormente, ocorrer a defesa contrária à ciência, evidente na incitação ao não uso de máscaras, na promoção de aglomerações, na indicação do uso de medicamentos ineficazes. Esses signos presentes nas palavras do mandatário brasileiro refletiam e refratavam suas intenções diante do tratamento do problema sanitário que acometia o país.

Através das relações dialógicas identificadas e analisadas, ficou evidente as ligações dos discursos de Jair Bolsonaro com os discursos trumpistas do início da pandemia. Além da aproximação dos tons dos discursos desses dois mandatários, foi-nos possível evidenciar que, a partir da visita que o presidente brasileiro fez aos EUA, nos primeiros momentos da pandemia, o chefe do Poder Executivo brasileiro assumiu um posicionamento de desinformação da população através de enunciados e ações perante a gestão da COVID-19. Portanto, ao se posicionar do lado contrário ao da ciência, Jair Bolsonaro combatia, nas suas declarações, as vozes dos especialistas apresentadas nos enunciados da OMS e propagadas pelos canais da mídia oficial. Dessa maneira, ao assumir um posicionamento contrário à ciência e promover a desinformação, contou com a autoridade social que o cargo de presidente lhe confere sobre o seu interlocutor e conseguiu reforçar, em seus enunciados, tons valorativos próprios baseados em informações distorcidas sobre a pandemia.

Em síntese, em nosso processo de escuta do *corpus* e no nosso posicionamento de não-álibi, enquanto pesquisadores e investigadores da linguagem, visualizamos como as materialidades discursivas expostas apontam valores sociais antagônicos, cujo embate de forças permitiu a proliferação de informações manipuladas (desinformação), do processo de desvalorização da ciência



e da academia como um todo arquitetural utilizado pelo próprio presidente da República para desorientar boa parte da população brasileira e gerar prejuízos irreparáveis.

REFERÊNCIAS

ABREU, K. F. **Relações dialógicas no gênero relatório de estágio em comunidades de prática do Ensino Médio Integrado**. 2021. 421f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2021.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. M. O discurso em Dostoiévski. *In*: BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. p. 207-310.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In*: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe). (org.). **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012. p. 19-39.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. de P. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**, v. 15, n. 6, 2014.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

Artigo recebido em: 06/07/2022

Artigo aprovado em: 19/12/2022

Artigo publicado em: 22/12/2022

COMO CITAR

OLIVEIRA, O. S. de; ABREU, K. F. A (des)informação como estratégia política na gestão da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma análise discursiva. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-20, e02218, 2022.

